

H. G. WELLS

Os Monstros do Mar e outras histórias fantásticas

Tradução revista por Fausto Cunha



COLEÇÃO
Folhetim em Grande Estilo


MADAMU

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Revisão

Equipe Madamu

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação, a partir de imagem de Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

M121a	Wells, Herbert George. Os monstros do mar e outras histórias fantásticas / H. G. Wells ; seleção e revisão da tradução: Fausto Cunha. 1ª. ed. São Paulo: Editora Madamu, 2026. 188p., 16 x 23cm ISBN 978-65-86224-37-5 1. Ficção científica. I. Título
	CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica. I. Título.

Esta antologia tomou por base a edição de 1976 que não indica o tradutor, apenas informa que a tradução foi revisada por Fausto Cunha, responsável também pela seleção, apresentação e notas. Duas das traduções aqui reunidas foram publicadas na revista Fon-Fon, edição de junho de 1950, igualmente sem indicação do tradutor. Possivelmente sejam traduções até mais antigas, republicadas em jornais e revistas sem o devido crédito, que se perdeu com o tempo.

PRINCIPAIS EDIÇÕES DOS CONTOS

1895 — *The Stolen Bacillus and Other Incidents*

1897 — *The Plattner Story and Others Thirty Strange Stories*

1899 — *Tales of Space and Time*

1903 — *Twelve Stories and a Dream*

1911 — *The Country of the Blind, and Other Stories*

1927 — *The Short Stories of H. G. Wells*

1953 — *Tales of Wonder* (com introdução de Frank Wells). O texto dessa última edição foi o consultado para a revisão das traduções, com exceção dos contos (nela ausentes) *A Maçã* e *O Ovo de Cristal*.

ÍNDICE

A ILHA DO EPIÓRNIS	13
NO OBSERVATÓRIO DE AVU	35
A FLORAÇÃO DA MISTERIOSA ORQUÍDEA ..	47
NO ABISMO	61
OS MONSTROS DO MAR	89
A ESTRELA	109
O OVO DE CRISTAL	129
A MAÇÃ	159
O QUARTO VERMELHO	173

Sobre H. G. Wells ver:

The World of H. G. Wells, de Van Wyck Brooks

Supers and Supermen, de Philip Guedalla

H. G. Wells: a sketch for a portrait, de Geoffrey West

H. G. Wells: Prophet of Our Day, de Antonina Vallentin
(1950)

H. G. Wells (biografia), de Vincent Brome (1951)

H. G. Wells, de Norman Nicholson (The English Novelists
Series, 1951)

H. G. WELLS

Cronologia da vida e da obra

1866 — A 21 de setembro, nasce Herbert George Wells em Bromley, no Kent, um condado no sudeste da Inglaterra, em frente ao Canal da Mancha, tendo ao norte a foz do Tâmesa. Essa região aparece frequentemente nas histórias de Wells. Seu pai tinha uma pequena loja e jogava cricket como profissional. A mãe, ex-governanta de uma família abastada, teve de voltar ao emprego em 1880, quando apertaram as dificuldades financeiras.

1880 — Bertie (como era chamado em casa) emprega-se como aprendiz numa loja de cortinas e estofados. Não se adapta, sai um mês depois. Tenta outras colocações. Enquanto isso, na biblioteca local, lê tudo que pode.

1884 — Ganha uma bolsa, de um guinéu por semana, para a *Normal School of Science*, em South Kensington, Londres. Durante três anos estuda ciências, tendo como um dos professores o biólogo Thomas H. Huxley.

1887 — Dava aulas desde 1881, tendo lecionado em 1883 na *Midhurst Grammar School*. Em 1887 vai para Holt, em Gales do Norte, como professor-assistente. Sofre grave acidente num jogo de futebol, do qual levará anos para se restabelecer completamente.

1888 — Volta a Londres.

1889 — Passa a integrar o corpo docente da *Henley House School*, em Kilburn.

1890 — Obtém diploma universitário em zoologia pela Universidade de Londres. Nos três anos seguintes trabalha com preparador em biologia no *Correspondence College* dessa Universidade.

1891 — Casa-se com sua prima Isabel. Problemas de subsistência tornam a união difícil. Não tardam a separar-se.

1893 — Declara-se uma grave afecção pulmonar, que o obriga a prolongado repouso e a uma vida sedentária.

Enquanto se recupera, e para prover ao seu sustento, começa a colaborar na imprensa, escrevendo contos, pequenos ensaios e resenhas literárias. Lança um manual de biologia (*A Text Book of Biology*).

1895 — Intensa atividade: o primeiro livro de contos, *The Stolen Bacillus*, um livro de ensaios e dois romances, um deles sua obra-prima no gênero: *The Time Machine*. Segundo casamento, com uma ex-aluna, Amy Catherine Robbins, que lhe dará dois filhos, George Philip (1901) e Frank (1903). Recupera-se pouco a pouco da doença pulmonar.

1901 — Cinco anos de grande produção literária, novos “romances científicos”: *The Island of Dr. Moreau* (1896), *The Invisible Man* (1897), *The War of the Worlds* (1898), *The First Men in the Moon* (1901), além de contos e artigos. De 1901 é o romance *Love and Mr. Lewisham*, que marca uma nova etapa em sua carreira novelística. Sua celebridade chegara ao auge com *A Guerra dos Mundos*, um de seus livros mais traduzidos.

Praticamente restabelecido, vai morar em Sandgate numa casa que fez construir e onde viverá por uns dez anos.

1902 — Começa uma fase de ficção sociológica, em que se destacam *The Sea Lady* (1902), *The Food of the Gods* (1904), *Kipps* (1905) – para alguns críticos seu melhor romance, *A Modern Utopia* (1905), etc.

1903 — Ingressa na Sociedade Fabiana, onde não demora a entrar em choque com outros membros. Ali trava conhecimento com uma jovem, que lhe inspirará o romance *Anne Veronica* (1909).

1906 — Wells faz constantes viagens ao Continente Europeu. Nesse ano, primeira viagem aos Estados Unidos.

1914 — Primeira Guerra Mundial. Em 1909 Wells mudou-se para Londres e em 1912 comprou uma casa em Easton Park, no Essex, onde irá morar até 1927, ano em que morre Amy Catherine. Durante a guerra, trabalha no departamento de propaganda antigermânica e publica *Mr. Britling Sees It Through* (1916), que obteve imensa popularidade.

1920 — Visita a União Soviética, onde se avista com Lenin. No ano seguinte, comparece à Conferência de Washington. Tenta idealisticamente encontrar uma conciliação entre comunismo e capitalismo, oferecendo-se como mediador. Para isso entrevistará mais tarde (na década de 30), Stalin e Roosevelt.

1929 — Continua escrevendo romances, mas quase exclusivamente para defender e propagar suas ideias socialistas e pacifistas. Também propugna o amor livre. Dessa fase, *The*

World of William Clissold (1926) é o livro de ficção mais importante. Os ensaios políticos e filosóficos se sucedem. De 1920 é o *Outline of History*, de que ele próprio fez uma edição resumida para o grande público. Em 1929 aparece a grande obra feita em colaboração com Julian Huxley e outros, *Science of Life*, que foi traduzida para diversos idiomas, inclusive o português (A Ciência da Vida, em vários volumes).

1934 — São publicados os dois primeiros volumes de sua autobiografia, *Experiment in Living*. Dois anos depois é lançado o filme de Cameron Menzies *Things to Come* (*Daqui a Cem Anos*), baseado nas projeções futuroológicas de H. G. Wells. As previsões não resistiram a cinco anos. Já no início do século, impressionado com as “antecipações” de Wells, um deputado britânico solicitara que ele fosse declarado “profeta oficial” e pago pelo Governo para se dedicar exclusivamente às profecias.

1938— 30 de outubro. Orson Welles irradia, no programa *Mercury Theatre on the Air*, do Columbia Broadcasting System, o sensacional *script* de Howard Koch *Invasion from Mars*, extraído de A Guerra dos Mundos. Muitos ouvintes acreditaram que a Terra estava realmente sendo invadida pelos marcianos. Houve pânico e mortes.

1945 — Termina a II Guerra Mundial. Publica seu último livro *Mind at the End of its Tether*, em que manifesta seu profundo desengano diante dos rumos da Humanidade.

1946 — 13 de agosto, Londres. Morre, depois de uma doença prolongada.

A ILHA DO EPIÓRNIS¹

O HOMEM da cicatriz no rosto inclinou-se por cima da mesa e examinou o meu embrulho:

- Orquídeas? perguntou.
- Algumas, respondi.
- *Cypripedium*?
- Sim, principalmente.

1. *Epiórnis*. Ave gigantesca que vivia outrora na ilha de Madagáscar, onde foram encontrados ovos seus, petrificados; cada ovo equivalia a uns 150 dos de galinha. Segundo H. G. Wells, em nota a este conto, “nenhum europeu conseguiu ver um epiórnis vivo, com a duvidosa exceção de Macer, que visitou Madagáscar em 1745.” Em outras edições está “MacAndrew” em vez de “Macer”.

[NE: *Epiórnis*, ou ave-elefante, era o maior pássaro do mundo, e acredita-se que medisse mais de 3 metros de altura e pesasse quase meia tonelada. Foram encontrados restos de ovos que, em alguns casos, tinham uma circunferência de mais de 1 metro e um comprimento de até 34 centímetros. A ave-elefante vivia na ilha de Madagáscar, na costa leste da África. O seu tamanho imenso era causado pelo gigantismo insular, que afeta a vida em ilhas isoladas.]

— E alguma coisa de novo? Seria de admirar. Tenho perlustrado estas ilhas há vinte e cinco, não, vinte e sete anos. Se o senhor aí encontrou alguma espécie ignorada, não podia ser senão uma planta recente. Eu não deixei grande coisa...

— Não sou colecionador, respondi eu.

— Eu era então jovem, continuou ele. Meu Deus! como eu revolteava! (E olhava para mim com desdém). Passei dois anos nas Índias Orientais e sete no Brasil. Depois fui para Madagáscar.

— Conheço poucos exploradores pelo nome, disse eu, prevendo uma história. Por conta de quem o senhor fazia pesquisas?

— Para os Dawson. Muito me admiraria que o senhor tivesse jamais ouvido falar no nome de Butcher.

— Butcher... Butcher... — O nome me parecia vagamente familiar. Acabei afinal por me lembrar da questão *Butcher contra Dawson*.

— Com que então, o senhor é o homem que os processou, pelo não pagamento de quatro anos de salário... quando estava perdido numa ilha deserta?

— Este seu criado... — disse o homem da cicatriz, fazendo uma curvatura. Um caso engraçado, não foi? Ali estava eu, acumulando uma pequena fortuna naquela ilha, sem aliás fazer nada para isso, e eles inteiramente incapazes de me darem qualquer aviso. Com frequência eu me divertia pensando nisso quando estava na ilha. Fazia cálculos —

altos cálculos — que espalhava por aquele abençoado atol, em algarismos ornamentais.

— Como foi que isso aconteceu? — indaguei. — Não me lembro bem do caso.

— Bem... Já ouviu falar do epiórnis?

— Alguma coisa. Precisamente antes de eu embarcar, Andrews falava-me em uma nova espécie, a respeito da qual ele estava fazendo um trabalho, há um ano, mais ou menos. Parece que se achou um fêmur de um metro de comprimento. Aquele animal devia ser um monstro.

— Acredito, disse o homem da cicatriz. *Era* na realidade um monstro. Mas, quando foi que acharam os seus ossos?

— Há uns três ou quatro anos, creio que em 1891. Por que faz essa pergunta?

— Por que, meu Deus? Simplesmente porque *fui eu* que os descobri — ó Senhor! — há perto de vinte anos. Se os Dawsons não tivessem sido tão estúpidos naquela questão dos salários, poderiam, com aqueles ossos, ter feito o maior brilhareco. Mas o fato é que *eu* não podia impedir que aquele barco fosse à garra...

Interrompeu-se, depois:

— Suponho que foi no mesmo lugar: uma espécie de pântano, a cerca de noventa milhas ao norte da ponta de Antananarivo. Conhece-a por acaso? Vai-se para lá em barco, seguindo-se ao longo da costa. Não se lembra, talvez?

— Não. Parece-me, entretanto, que Andrews me falou algo sobre um pântano.

— Deve ser o mesmo; está situado a este da costa. Seja como for, há na água qualquer coisa que conserva: sente-se ali cheiro de creosoto. Lembrava-me Trinidad. Descobriram novos ovos? Alguns dos que encontrei tinham pé e meio de comprimento... O pântano era circular, assim, cortado deste lado. Era quase puro sal. Sim, senhor! Que tempo passei ali. Fiz minha descoberta absolutamente por acaso. Tínhamos vindo em busca dos ovos, eu e dois indígenas, embarcados numa canoa esquisita e pusemos a mão ao mesmo tempo sobre os esqueletos.

Tínhamos uma tenda e provisões para quatro dias; acampamos num dos pontos mais seguros. Só em pensar nisso, parece-me ainda sentir um cheiro estranho de alcatrão.

É um trabalho divertido. Vai-se sondando o lodo com uma vareta de ferro. De ordinário o ovo está quebrado.

Ainda estou para saber quanto tempo decorreu desde a época em que viviam esses epiórnis. Dizem os missionários que os indígenas conservam lendas referentes a essa época; nunca, porém, consegui recolher nenhuma dessas histórias. Em todo caso, aqueles ovos que nós achamos estavam tão frescos como se tivessem sido postos recentemente. Ao transportá-los para o barco, um dos meus negros deixou cair um em cima da pedra do rochedo e ele quebrou-se (Ah! como maltratei o pobre diabo!). Como lhe digo, ele estava fresco, dir-se-ia posto naquela hora mesmo; nem o menor cheiro, e todavia a fêmea está morta há talvez quatrocentos anos. O negro desculpou-se, dizendo que uma lacraia o havia mordido.

Mas estou me afastando do assunto.

Levamos um dia inteiro a remexer o lodo para extrair os ovos ainda inteiros; ficamos cobertos de lama negra; e, como é natural, eu estava de muito mau humor. Que eu soubesse, eram aqueles os únicos ovos que jamais se tinham encontrado inteiros. Mais tarde, fui ver os que se achavam no Museu de História Natural de Londres: todos eles estavam rachados, esmigalhados, colados como mosaicos; até mesmo lhes faltavam pedaços. Os meus estavam em perfeito estado, e eu tinha intenção de os esvaziar logo que chegasse. Como é de crer, eu estava contrariadíssimo por aquele idiota de carregador ter quebrado o resultado de três horas de trabalho e, de mais a mais, por causa de uma lacraia! Razão pela qual ainda mais o maltratei.

O homem da cicatriz tirou da boca o cachimbo de barro. Coloquei diante dele a minha bolsa de fumo, de que ele se serviu maquinalmente, pensando em outra coisa.

— E que foi que fez dos outros ovos? Levou-os para a sua casa? Não me recordo bem...

— Esta é a parte mais curiosa da história. Eu tinha mais três ovos absolutamente frescos. Pusemo-los no barco, e voltei à nossa tenda para fazer café, deixando os dois pagãos deitados na praia, um deles fazendo comentários ociosos sobre a sua ferida, e o outro a fazer-lhe companhia. Não me passou pelo espírito que os tratantes se aproveitassem da situação particular em que eu me achava para me oporem embaraços. Mas creio que o veneno da lacraia e o pontapé

que lhe dei tinham transtornado um deles (ele continuava a resmungar) e este incitou o outro.

Lembra-me que estava sentado, fumando, ocupado em pôr água para ferver em uma espiriteira, cuidado de que eu mesmo me encarregava sempre durante essas expedições. Por acaso, eu estava contemplando o pântano aos raios do sol poente. Ele estava negro, atravessado de faixas cor de sangue; um belo espetáculo, na verdade. E, mais ao longe, a região, cinzenta e enevoadada, elevava-se até as alturas; por detrás da colina, o céu rubro como uma fornalha.

E, a quarenta metros atrás de mim, aqueles malditos pagãos, totalmente indiferentes à serenidade das coisas, travavam entre si fugirem com o barco e abandonarem-me com provisões para três dias e sem coisa alguma para beber, senão um pequeno barril com água. Ouvi uma espécie de barulho atrás de mim; eles lá estavam no barco — propriamente falando, aquilo nem era um barco — talvez a vinte metros da praia. A minha espingarda estava na tenda e, demais, eu não possuía balas, apenas chumbo miúdo; eles sabiam disso. Mas, como eu tinha sempre no bolso o revólver, puxei por ele, enquanto me precipitava para a praia.

— Voltem! exclamei, brandindo a arma.

Eles gaguejaram qualquer coisa, e o que havia quebrado o ovo principiou a zombar de mim. Eu alvejei o outro, porque não se achava ferido e manobrava o remo, mas o tiro falhou. Eles desataram a rir. Todavia não me considerei vencido. Compreendi que me era indispensável conservar todo

o sangue-frio: tornei a alvejar o mesmo homem e ele teve um sobressalto. Não se riu mais, desta vez. Ao terceiro tiro, alcancei-lhe a cabeça; ele caiu por cima da borda, arrastando o remo consigo. Para um revólver, aquele foi um tiro excelente: avalio a distância em uns cinquenta metros. Ele desapareceu imediatamente; ignoro se morreu do tiro ou afogado.

Então gritei ao outro que retrocedesse; ele agachou-se e recusou-se a responder. Fiz fogo com o meu revólver, mas sem lograr alcançá-lo.

Tive a sensação de ser um rematado imbecil, assevero-lhe. Estava eu ali, naquela praia lóbrega e envenenada, tendo atrás de mim um pântano que se estendia a perder de vista e, diante, o mar, frio após o pôr do sol, aquele barco sombrio continuando a afastar-se para o largo. Asseguro-lhe que naquele momento amaldiçoei os Dawsons e Jamaracks, e o museu, e tudo mais. Berrei ao negro que voltasse, mas a minha voz se extinguiu depois de um derradeiro grito de terror.

Nada mais havia a fazer senão nadar em direção a ele e arriscar-me a ser devorado pelos tubarões. Abri a minha faca, meti-a entre os dentes, tirei a roupa e avancei. Assim que entrei na água, perdi de vista o barco, mas fiz todos os esforços possíveis para conservá-lo sempre na minha frente. Eu esperava que o homem que ia nele estivesse sem condições físicas para dirigir e que o barco continuaria a seguir sempre a mesma direção. Por um momento, vi-o acima do horizonte, para o lado oeste. Caíam os últimos reflexos do sol poente e as sombras da noite vinham des-

cendo lentamente. As estrelas principiavam a apontar no céu. Eu nadava como um campeão, conquanto sentisse já muito doloridos os braços e as pernas.

No entanto, eu o agarrei no momento em que as estrelas começavam a ostentar todo o seu esplendor. Como a escuridão era muita, distingi sobre a água toda a sorte de reflexos brilhantes, a fosforescência, como sabe. Havia momentos em que aquilo me atordoava; não discernia mais o que era estrela e o que era fosforescência.

A canoa aparecia-me negra como o pecado e, por baixo da sua quilha, as rugas da água pareciam fogo líquido. Como é natural, tomei todas as precauções antes de saltar dentro dela; todo o meu empenho era conhecer de antemão quais eram as intenções do outro. Ele parecia estar deitado, como uma massa, à proa, pois que a ré se achava toda fora d'água. Como a embarcação ia ao sabor das ondas, tomou, girando lentamente, uma espécie de movimento de valsa. Cheguei junto da popa e abaixei-a, esperando que o sujeito despertasse. Depois trepei na barca, apertando na mão a faca, pronto para qualquer ataque; ele porém, não se mexeu. Então sentei-me na ré, afastando-me sem destino sobre aquele mar sereno e fosforescente, tendo sobre a cabeça todo o cortejo das estrelas, na expectativa do que estaria para suceder.

Passado bastante tempo, chamei o nativo pelo nome; ele não me respondeu. Achava-me por demais fatigado para me expor a qualquer perigo, indo ao encontro dele, e assim

ficamos. Creio que adormeci uma ou duas vezes. Ao raiar a alvorada, percebi que ele não se mexia mais do que um cepo, estava morto e bem morto, todo inchado e roxo.

Os meus três ovos e as ossadas estavam no meio da canoa; aos pés do sujeito achavam-se um barril de água potável, um pouco de café e um pacote de bolachas embrulhadas num jornal; debaixo dele, uma lata de querosene. Nem remo, nem nada que pudesse servir para remar, exceto o vasilhame. Então, resignei-me a vogar à aventura até ser por acaso recolhido. Depois de examinar o morto, que não apresentava ferimento algum, concluí que fora picado por uma cobra, um escorpião ou algum inseto desconhecido, e atirei-o ao mar.

Depois do que, bebi um pouco d'água, comi algumas bolachas e deitei um olhar em volta de mim. Como é natural, um homem situado em uma região tão baixa não pode ver até muito longe; pelo menos Madagáscar estava totalmente fora do alcance da minha vista; não se divisava terra em direção alguma. Avistei uma vela que ia em rumo do sudoeste: era, ao que me pareceu, uma goleta, mas o casco não chegava acima do horizonte. Nesse momento, o sol elevava-se no céu e os seus raios principiavam a tocar-me. Meu Deus! aquilo por pouco não me pôs os miolos a arder. Tentei molhar a cabeça no mar; depois, dando com os olhos sobre o jornal que embrulhava as bolachas, estendi-me dentro da minha canoa e abri por cima de mim o *Argus* da Cidade do Cabo. Essas folhas são uma coisa maravilho-

sa! Nunca até então eu tinha lido uma delas de princípio a fim; é esquisito que essa ideia me ocorresse quando eu me achava assim completamente só. Li talvez umas vinte vezes aquele número antigo do *Argus*. Dentro da canoa, o alcatrão fumegava à ação do calor e erguia-se em grandes empolas.

Voguei durante dez dias, continuou o homem da cicatriz. É pouca coisa quando se conta, não é verdade? Contudo, cada dia parecia que ia ser o último para mim. A não ser de manhã e ao cair da noite, era-me impossível olhar ao redor de mim, tão impiedosa era a reverberação.

Após os três primeiros dias, não vi mais nem uma única vela; e durante aquele período ninguém se inquietou por minha causa. Na sexta noite um navio aproximou-se apenas meia milha, tendo acesos todos os seus fogos, abertas todas as suas portinholas de peças, assemelhando-se a um enorme pirilampo. Ouvia-se música a bordo. Levantei-me, chamei, dei gritos na sua direção: inutilmente!

No segundo dia, abri um dos ovos de epiórnis; raspei a casca de dentro para fora, e verifiquei com prazer que ele estava bom para se comer: tinha, entretanto, um certo cheiro, mas o gosto era parecido com o do ovo de pata. Num dos lados da gema, havia uma mancha redonda de umas seis polegadas de largura, com veios de sangue e um sinal branco, semelhante a uma escada. Achei aquilo muito singular, mas não compreendi então o que significava, e não estava em situação que me permitisse muitos escrúpulo. Aquele ovo alimentou-me três dias, com algumas bolachas

e alguns goles d'água. Mastiguei também grãos de café para conservar o vigor.

Pelo oitavo dia ataquei o segundo ovo, e ele espantou-me.

O homem da cicatriz fez uma pausa.

— Sim, estava em plena incubação, continuou ele.

Bem sei que lhe custa acreditar. Eu próprio, que o via, não acreditava. Aquele ovo tinha sido posto naquele lodo negro e frio, talvez uns cem anos antes. Mas não havia engano possível: eu tinha ali, debaixo dos meus olhos, — como direi? — o embrião, com a sua enorme cabeça, os ossos recurvados, o coração batendo sob o esterno, a gema como que ressequida, e grandes membranas estendidas no interior, em volta de toda a casca. Eu tinha feito chocar e partira a casca dos ovos da maior de todas as aves extintas, ali, dentro de uma pequena canoa, em pleno Oceano Índico. Ah! se o velho Dawson soubesse disso! Bem que valia quatro anos de salários. Que é que o *senhor* acha?

Todavia, cumpria-me comer até o fim aquele alimento precioso, antes de avistar a terra, e alguns dos bocados foram deveras repugnantes. Restava o terceiro ovo. Eu o havia examinado bem, à luz do meio-dia, porém a casca era demasiado espessa para que eu pudesse ver o que se passava do lado de dentro; é verdade que me havia parecido ouvir umas pulsações, mas podia ter sido um zumbido aos meus próprios ouvidos, como acontece quando aproximamos do ouvido uma concha.

Então apareceu-me à vista uma ilha; apenas a vi sair da irradiação do sol, logo ela se apresentou bem perto de mim. Voguei em linha reta para o seu lado, e achava-me a cerca de meia milha da praia, nem mais nem menos, quando a corrente se desviou; ora, eu não tinha nada para com a maior dificuldade do mundo, senão somente as minhas mãos e os pedaços da minha casca de ovo de epiórnis. Apesar de tudo, abiquei em terra.

Era um banco de coral qualquer, de cerca de quatro milhas de circuito, com algumas árvores vivas, uma nascente, e a praia coberta de pequenos crustáceos. Desembarquei o meu ovo, coloquei-o em bom lugar, bem acima do alcance da maré, em pleno sol, para dar-lhe todas as probabilidades de chocar; depois procurei um lugar seguro para a minha canoa e comecei a passear. É esquisito como um banco de coral é tristonho!... Quando eu era pequeno, nada me parecia mais sedutor do que as aventuras do Robinson Crusoe; mas decididamente o lugar onde me achava era tão monótono como um livro de sermões... Andei em volta dele, em busca de alguma coisa que comer, principalmente refletindo; e posso lhe dizer que, antes do fim do dia, achava-me a morrer de tédio.

Vai ver a minha boa fortuna: no mesmo dia em que pisei em terra, o tempo mudou. Uma tempestade acompanhada de trovoadas dirigiu-se para o norte e açoitou a minha ilha; durante a noite um dilúvio, uma procela atroz. É fácil compreender que não era preciso tanto para virar a minha canoa de pernas para o ar.

Dormi embaixo dela. Felizmente o ovo repousava na areia, na parte mais alta da praia. A primeira coisa que me lembra é um ruído semelhante a uma centena de pedrinhas batendo ao mesmo tempo no barco; depois uma vaga impetuosa me passou sobre o corpo. Precisamente nesse momento eu pensava em Antananarivo; levantei-me e chamei por Intoshi para lhe perguntar que demônio era aquele; ao mesmo tempo, estendi a mão na direção da cadeira onde, em minha casa, costumavam estar os fósforos. Só então me lembrei onde me achava.

Chegavam até junto de mim algumas vagas fosforescentes, como se quisessem tragar-me; a noite, aliás, conservava-se negra como tinta. O vento zunia, as nuvens muito baixas parecia estarem prestes a tocar-me na cabeça e a chuva caía como se o céu se tivesse entreaberto. Uma enorme vaga adiantou-se, contorcendo-se, como uma serpente de fogo, e eu fugi. Pensando na canoa, desci a toda pressa, para o lado em que ela se achava, quando já a água rugia de novo atrás de mim; a canoa havia desaparecido. Principiei então a inquietar-me com o ovo e procurei-o às apalpadelas. Estava em muito bom lugar, fora do alcance das ondas mais altas; sentei-me perto dele no chão, e tomei-o nos braços para me fazer companhia. Meu Deus! que noite foi aquela!

Antes de romper o dia a borrasca havia passado: nem mais vestígio dela havia no céu quando raiou a aurora. Viam-se, esparsos ao longo da praia, destroços de tábuas: o esqueleto desarticulado, por assim dizer, do meu pobre batel.

Aquilo proporcionou-me uma ocupação; pois, aproveitando duas das tábuas que ainda se achavam unidas, levantei com esses restos uma espécie de abrigo contra a tempestade.

Aconteceu que nesse mesmo dia o ovo se abriu.

Sim, meu senhor, abriu-se; quando eu repousava a cabeça sobre ele e dormia. Ouvi uma pancada vigorosa, percebi um pequeno estalo, e levantei-me: era o ovo que estava sendo quebrado a bicadas: uma engraçada cabecinha parda olhava para mim. “Oh! exclamei, seja bem-vindo”. E, com alguma dificuldade, o animal saiu da casca.

Um belo e bom animalzinho, na verdade, do tamanho de uma galinha pequena, perfeitamente igual à maior parte das outras aves recém-nascidas, somente bastante maior. A penugem era a princípio de um pardo sujo, com umas espécies de pintas que depressa desapareciam, e muito poucas penas, uma leve penugem.

Não posso exprimir como me sentia feliz ao ver aquele animal. Robinson Crusoe não nos falou bastante do seu isolamento. Da minha parte, eu tinha um interessante companheiro. Este olhava para mim e piscava os olhos, com a cabeça atirada para trás, como uma galinha; depois deu um grito e pôs-se a bicar aqui e ali, como se fosse a coisa mais natural o ter ele nascido com trezentos anos de atraso.

— Muito prazer em vê-lo, Sr. Sexta-Feira! disse-lhe eu. Porquanto, desde que reconheci que o ovo estava em incubação, dentro da canoa, decidi naturalmente escolher esse nome, se acaso ele viesse a vingar. Eu, porém, não podia

deixar de me inquietar no tocante ao seu alimento; dei-lhe logo uma quantidade de pequenos peixes; ele tomou-os e abriu o bico para receber mais. Isso contentou-me, porque, em semelhantes circunstâncias, se ele se mostrasse exigente, não me restava outro recurso senão comê-lo.

Não pode imaginar quanto era interessante aquele filhote de epiórnis. Principiou a seguir-me logo no primeiro dia. Conservava-se quase sempre junto de mim enquanto eu pescava, vigiando para que não lhe faltasse a sua parte em tudo quanto eu pudesse apanhar. Era igualmente delicado: encontravam-se não raro pela praia certas frutinhas, sujas, verdes, semelhantes a uns pepininhos confeitados; ele provou uma delas; e seu gosto desagradou-lhe de tal modo que nunca mais quis nem olhar para esse gênero de groselha.

E ia crescendo, crescendo quase diante dos meus olhos. Como nunca fui homem de sociedade, a sua tranquilidade, a sua dedicação por mim agradaram-me sobremaneira. Durante perto de dois anos, fomos tão felizes quanto nos era possível sê-lo naquela ilha. Eu não tinha nenhuma preocupação de interesse, pois que os meus vencimentos corriam por conta de Dawson. De vez em quando, avistávamos uma vela, mas nem uma se aproximou de nós. Eu me comprazia em guarnecer o meu domínio, em decorá-lo com plantas marinhas e conchas de espécies e formas diversas. Escrevi “Ilha do Epiórnis” em grandes letras ao redor do meu reino, do mesmo modo que, como sabe, na Inglaterra se escrevem, nas estações da estrada de ferro, com pedras pintadas, o

nome da estação. Eu me acostumara a contemplar aquela endiabrada ave que passeava e crescia, crescia sempre: pense um pouco nas rendas que me poderiam advir se eu pusesse em exibição aquele animal, dado que algum dia me pudesse ver salvo.

Após a primeira muda, ele tornou-se gracioso; nasceu-lhe uma crista, uma barba azulada e um feixe de penas verdes na cauda. Eu perguntava de mim para mim, não poucas vezes, se Dawson teria ou não algum direito de reclamá-lo. Durante os dias de vendaval e a estação das chuvas, nós nos conservávamos juntos debaixo do abrigo que eu tinha feito com as tábuas do velho batel; eu contava-lhe histórias sobre os meus amigos caseiros. Passada uma tempestade, dávamos juntos um giro em volta da ilha para ver se encontraríamos algum destroço. Era, como vê, uma espécie de idílio. Se ao menos eu tivesse um pouco de fumo, seria simplesmente um paraíso.

Todavia, no fim do segundo ano, o nosso pequeno paraíso foi se tornando menos agradável. *Sexta-Feira* tinha, então do chão até o bico, cerca de quatorze pés de altura, com uma cabeça grossa e larga como a de um pião, dois olhos pardos enormes, com orlas brancas, convergentes como os do homem, e não de cada lado da cabeça, como os da galinha. A sua plumagem era bela — em nada parecida com o luto aliviado da avestruz — assaz semelhante à do casuar, tanto quanto o permitia a diferença de cor e de formas das duas espécies. Então ele principiou a erguer a

crista contra mim, a tomar atitudes insolentes, a dar todos os sinais de um mau caráter.

Chegou afinal um dia em que, tendo sido a minha pesca totalmente infrutífera, ele pôs-se diante de mim de um modo singular e meditativo; julguei que talvez tivesse comido alguma abóbora-do-mar ou qualquer outra coisa desagradável; na realidade aquilo não passava de simples descontentamento da parte dele. Ora, da minha parte eu estava também a morrer de fome e, assim que apanhei afinal um peixe, entendi que devia reservá-lo para mim. O nosso mau humor estava de sobreaviso aquela manhã. Ele puxou o peixe com o bico e apoderou-se dele; eu dei-lhe uma pancada na cabeça para obrigá-lo a abandonar a presa. Então ele investiu contra mim, meu Deus!... e aqui está o que me fez no rosto.

O homem mostrava-me a sua cicatriz.

— Depois começou a escoicear-me como um cavalo. Levantei-me e, vendo que ele não acabava, fugi, protegendo o rosto com os braços cruzados; ele, porém, desandou a correr atrás de mim com as enormes pernas desgraciosas, mais rápido que um cavalo de corrida, sempre me atingindo com suas bicadas na cabeça e com seus coices que pareciam golpes de martelo. Corri para a laguna e entrei na água até o pescoço. Ele parou, porque tinha horror de molhar os pés, e pôs-se a gritar, como um pavão enfurecido, mas com voz mais abafada. Ficou em seguida a passear pela praia. Reconheci que me sentia pequeno diante daquele fóssil diabólico, que punha em campo a sua valentia. Eu tinha a cabeça

e o rosto banhados em sangue, e, apre! todo o meu corpo, sob aquelas contusões, não era senão um mingau.

Tomei a decisão de atravessar a laguna a nado e deixá-lo só durante algum tempo, até que ele serenasse. Trepei pela palmeira mais alta, sentei-me lá em cima e pensei sobre tudo aquilo. Creio que jamais, nem antes nem depois, me senti tão amargurado. Era a ingratidão brutal daquele bicho. Eu tinha sido mais que um irmão para ele; tinha-o posto no mundo, tinha-o criado. Aquele infeliz animal desengonçado, cuja espécie nem existia mais! Enquanto eu, um ser humano, herdeiro da Terra...

Depois raciocinei que ele mesmo acabaria por ver a coisa assim e lastimaria um pouco o próprio procedimento. Imaginei que seria talvez conveniente apanhar alguns bonitos peixinhos, chegar junto dele e oferecer-lhe de um modo indiferente: ele se comoveria com a minha ação. Foi-me preciso algum tempo para saber quanto pode ser implacável e obstinada uma ave de raça extinta.

Não lhe direi todos os estratagemas de que me servi para engodá-lo. Tudo foi simplesmente baldado. Ainda hoje coro de vergonha só em pensar nos assomos e nas pancadas que recebi daquela ave curiosa e infernal. Tentei a violência: atirei-lhe de longe pedaços de coral, mas limitou-se a engoli-los; joguei-lhe a minha faca e escapei de perdê-la, conquanto fosse grande demais para que o animal a engolissem; tentei vencê-lo pela fome e deixei de pescar; mas ele achou minhocas para bicar, ao longo da

praia, na maré baixa, e passou a viver com essa magra ração. Eu passava a maior parte do meu tempo dentro d'água, que me chegava até o pescoço, e o resto no ar, trepado nas palmeiras. Uma destas não era muito alta; quando ele me surpreendia sobre ela, era para ele um regalo, à custa das minhas pernas. Aquilo tornou-se intolerável. Ignoro se o senhor já experimentou dormir trepado numa palmeira: a mim produzia-me os mais horríveis pesadelos. Imagine também o ridículo! Eis aí, pois, o representante de uma espécie extinta reinando na minha ilha como um duque sem educação, não me permitindo nem mesmo pôr o pé sobre o solo! Não raro, eu chorava de cansaço, e de despeito. Eu lhe dizia que não admitia ser perseguido na minha ilha deserta por um anacronismo amaldiçoado. Mandava-lhe que fosse morder um navegador do seu tempo; ele, porém, não me respondia, aquela horrenda e enorme ave, que só tinha pernas e pescoço, e só dava estalos com o bico.

Eu não quisera dizer-lhe quanto tempo aquilo durou dessa maneira. Ah! certo eu o teria matado, se encontrasse um meio de fazê-lo. Contudo, imaginei finalmente um modo de pregar-lhe uma peça. É um estratagema empregado na América do Sul. Amarrei umas às outras todas as minhas linhas de pesca, por meio de pedaços de alga marinha, fiz com elas uma corda sólida, muito comprida, e atei nas pontas dois grandes pedaços de coral. Levou-me isso algum tempo a preparar, pois a cada momento tinha que me refugiar fosse dentro d'água, fosse no alto de uma palmeira.

Fiz girar com rapidez aquela corda ao redor da minha cabeça, depois deixei-a voar até ele. Da primeira vez, falhou o meu intuito; mas, da segunda, o barbante agarrou-se-lhe nas pernas admiravelmente e enroscou-se nelas cada vez mais. Ele vacilou. Achando-me dentro do pântano com água até a cintura, atirei-lhe o laço e, assim que ele caiu, saí da água e cortei-lhe o pescoço com a minha faca.

Ainda hoje me penaliza pensar nisso. Considerava-me um assassino, enquanto prosseguia na minha obra, posto que fosse muito violenta a minha cólera. Quando me inclinei sobre ele, quando o vi ensanguentado sobre a areia branca, com as grandes pernas e o pescoço convulsionados pela agonia, ah!

Após esse drama, o tédio da solidão caiu sobre mim como uma maldição. Meu Deus! o senhor não pode imaginar que falta me fez aquela ave! Sentei-me perto do seu corpo, chorei sobre ele, tive um calafrio ao deitar os olhos ao redor de mim, sobre a minha ilhota silenciosa e desolada. Lembrei-me de como era uma linda avezinha quando saiu do ovo e com quantos ardis encantadores ele me havia divertido antes de se tornar mau; eu dizia comigo mesmo que, limitando-me a feri-lo, teria conseguido induzi-lo a melhores sentimentos. Se eu tivesse um meio de escavar o banco de coral, tê-lo-ia sepultado. O que é fato é que não passou pela ideia comê-lo. Arrastei-o, pois, para dentro do pântano, onde os peixes o devoraram. Nem as penas salvei.

Aconteceu que um indivíduo, cujo iate cruzava aquelas paragens, teve a fantasia de verificar se a minha ilhota con-

tinuava a existir. Ele não chegava demasiado cedo, pois que eu já estava farto de viver só em meio àquela desolação, e só hesitava entre caminhar mar adentro para pôr fim a tudo dessa maneira, ou comer aquelas frutinhas verdes que a ave tinha refugado.

Vendi o esqueleto a um negociante chamado Winslow, estabelecido nas proximidades do Museu Britânico, que disse tê-los vendido ao velho Havers. Este parece que não notou que os seus ossos eram de tamanho excepcional, pois foi só depois da sua morte que eles atraíram a atenção. Deram-lhes o nome de *Aepyornis*... Como é mesmo que é?

— *Aepyornis vastus*, respondi. É bastante esquisito, mas essa mesma história me foi contada por um dos meus amigos. Quando eles acharam um epiórnis, julgaram que haviam atingido o alto da escala e chamaram-no *Aepyornis maximus*. Então alguém apresentou um outro fêmur de quatro ou cinco pés ou mais; esse foi denominado *Aepyornis Titan*. Depois o seu, *vastus*, foi descoberto, após a morte do velho Havers, na sua coleção, e logo surgiu um *vastissimus*...

— Winslow me disse quase o mesmo, replicou o homem da cicatriz. — Se se encontrarem ainda outros epiórnis, ele aposta que vão arranjar um nome ainda mais comprido, de estourar a veia do pescoço. Mas de qualquer maneira foi uma aventura muito estranha, o senhor não acha?

NO OBSERVATÓRIO DE AVU

EM BORNÉU, sobre o píncaro da montanha, ergue-se o observatório de Avu. Ao norte, uma antiga cratera que, durante a noite, perfila o seu vulto escuro contra o azul infinito do céu. Da base da pequena construção circular, com o domo em forma de cogumelo, descem os declives abruptos que se vão perder nas profundezas misteriosas e negras da floresta tropical.

A casinha, onde moram o astrônomo e o seu assistente, está a uns cinquenta metros do observatório, e mais ao longe estão as choças dos criados indígenas.

Thaddy, o astrônomo-chefe, achava-se de cama com uma ligeira febre. Seu assistente, Woodhouse, demorara-se um momento a contemplar, sem dizer nada, a noite dos trópicos, antes de encetar a sua vigília solitária. A atmosfera estava serena. De vez em vez, partiam das cabanas dos indígenas vozes e risadas, ou das profundezas da floresta subia o grito de um animal desconhecido. Do meio das trevas surgiam, como vagos fantasmas, insetos noturnos que iam esvoaçar ao redor da luz. Talvez Woodhouse estivesse pensando em todas as descobertas que poderia fazer na mata espessa e sombria que dormitava a seus pés. Para o naturalista, as florestas virgens de Bornéu são ainda um país

encantado, fértil em mistérios perturbadores e em descobertas imprevistas. Woodhouse tinha na mão uma pequena lanterna, cuja luz amarelada se destacava fortemente sobre o fundo multicolor, desde o azul-lavanda até o negro, em que se afogava a paisagem.

Em nossos dias, a despeito dos progressos da fotografia celeste, as observações que se fazem em um abrigo provisório e com um telescópio instalado nas condições mais primitivas, exigem ainda longas horas de fatigante imobilidade. Woodhouse suspirou ao pensar no esforço físico que tinha de fazer, espreguiçou-se e entrou no observatório.

Tinha as mãos e o rosto untados com um unguento que os preservava das picadas dos insetos.

O leitor conhece provavelmente a disposição de um observatório comum. A construção costuma ser redonda, encimada por um telhado muito leve, de forma hemisférica, movendo-se em volta de um eixo e fácil de se manobrar do interior. O telescópio fica colocado ao centro, sobre uma coluna de pedra; um sistema de molas fá-lo seguir a rotação da Terra e, uma vez encontrada qualquer estrela, pode-se assim estudá-la de um modo contínuo. Além disso, existe nele um conjunto de rodas e de parafusos, por meio dos quais se pode procurar e achar com facilidade a posição conveniente. Um alçapão disposto no teto móvel segue o movimento da objetiva enquanto dura o trabalho.

O astrônomo fica sentado ou deitado sobre um aparelho inclinado, feito de madeira, que ele pode voltar para

todos os lados, conforme o exige a posição do instrumento. É conveniente manter no interior a escuridão mais completa possível, a fim de realçar o brilho das estrelas em observação.

A chama da lanterna lançou um brilho mais vivo quando Woodhouse entrou no seu reduto circular. As trevas que tudo envolviam pareceram condensar-se atrás da grande máquina para de novo invadirem todo o recinto quando a luz passageira se fixou. A abertura do teto desenhava-se sobre a profunda transparência do firmamento, onde brilhavam seis estrelas com um esplendor tropical; um reflexo, como pálida réstia de luz, brincava sobre o tubo escuro do instrumento. Woodhouse deslocou a cúpula; dirigindo-se para o telescópio, girou primeiro uma roda, depois outra, e o grande cilindro tomou lentamente uma nova posição. Olhou pelo visor, pequena luneta anexa à grande, tornou a mover o teto, imprimindo-lhe uma fração de volta, tomou várias outras precauções e pôs em movimento o sistema de molas. Tirou o casaco, pois a noite estava muito quente, e colocou no seu lugar o assento incômodo sobre o qual estava condenado a passar as quatro horas que se iam seguir. Depois, dando um suspiro, resignou-se a encetar a sua guarda ante os mistérios do espaço.

Nem o mínimo ruído se ouvia então no observatório; tampouco outra luz se via que não o clarão da pequena lanterna. De vez em quando escutava-se lá fora o grito de um animal assustado ou ferido, ou a voz dos criados diaques e malaios. Dentro em pouco, um daqueles homens começou

a entoar uma estranha e monótona melopeia, cujo estribilho era de vez em vez cantado, durante alguns momentos, pelos companheiros. Depois do que, pareceram retirar-se para a noite, porquanto não se ouviu mais rumor algum naquela direção e o silêncio, cheio de murmúrios, tornou-se mais e mais profundo.

O movimento das molas prosseguia no seu tic-tac regular. O zumbido agudo de um mosquito invadiu o recinto; o inseto irritava-se contra o unguento de que Woodhouse se premunira. Depois a lanterna apagou-se e o observatório ficou imerso na mais completa escuridão.

Woodhouse mudou daí a pouco de posição; o movimento lento do telescópio tinha-o obrigado a uma posição incômoda. Achava-se ele então a observar um grupo de estrelas da Via Láctea, numa das quais o seu chefe tinha visto, ou julgado ver, uma notável instabilidade de coloração. Esse estudo não pertencia ao programa do observatório; aliás, talvez fosse por isso que Woodhouse tomava nele tão vivo interesse. Nesse momento ele tinha esquecido todas as coisas da terra. Toda a sua atenção estava concentrada no círculo azul encerrado no campo do telescópio; um campo semeado, conforme parecia, de uma multidão inumerável de estrelas, que fulguravam dentro do caixilho escuro da lente. Ao contemplar o céu, parecia-lhe que também ele se tornava incorpóreo, que por sua vez flutuava também no espaço etéreo. Ao longe, estava o ponto vermelho quase imperceptível que ele observava.

Dentro em pouco as estrelas apagaram-se, uma sombra negra passou de súbito, depois tornou a aparecer.

— E esta! disse de si para consigo Woodhouse. Deve ser um pássaro.

O fenômeno repetiu-se, e imediatamente o instrumento oscilou como se tivesse levado uma pancada. Depois a cúpula do observatório ressoou, fazendo ouvir uma série de pancadas surdas. As estrelas pareciam sair do campo do telescópio, quando realmente era o telescópio que, havendo oscilado, não se achava mais em frente da abertura existente no teto.

— Com a breca! exclamou Woodhouse. Que novidade será esta?

Um vulto enorme, indistinto, negro, fazendo ouvir um rumor de asas, entrou a debater-se na abertura do alto. Um momento depois, o alçapão achava-se desimpedido, e a esteira luminosa da Via Láctea fulgurava em todo o seu esplendor.

A cúpula, do lado de dentro, estava completamente escura, e só um leve arranhão denotava o lugar onde podia estar o misterioso intruso. Woodhouse tinha-se pouco a pouco levantado; ele tremia violentamente, aquele choque inesperado inundara-o de suor frio. O intruso, quem quer que fosse, estaria ainda do lado de dentro? Teria já saído? Em todo caso, ele era de grande porte.

O que quer que fosse passou rapidamente diante da claraboia e o telescópio oscilou. Woodhouse estremeceu e levantou o braço. O animal estava então ali, com ele, dentro